

TRAÇOS COMUNITÁRIOS QUE VENCEM A DISTÂNCIA: EXPERIÊNCIA DE UNIÃO ENTRE MULHERES GORDAS

COMMUNITY TRAITS THAT WIN THE DISTANCE: UNION EXPERIENCE AMONG FAT WOMEN

¹ Universidade Estadual de
Campinas | Centro de Ciências
Humanas e Sociais Aplicadas
| Faculdade de Ciências
Aplicadas | R. Pedro Zaccaria,
1300, sala UL63, Jd. Morro Azul
| 13484-350, Limeira, SP,
Brasil | E-mail:
<stephanie118691@gmail.com>.

Stephanie Ares Maldonado¹

ORCID iD: [0000-0002-5235-2660](https://orcid.org/0000-0002-5235-2660)

RESUMO

Esta compreensão fenomenológica traz o contexto, as motivações e as decorrências de uma experiência de união germinada em um grupo no *Facebook*. Na urgência do apoio, da troca e da (auto)aceitação, algumas mulheres gordas se uniram, não em um nível empático, nem em uma comunidade estruturada, mas, sim, por traços comunitários que se estabelecem no entremeio e que se escoram na condição compartilhada.

Palavras-chave

Ativismo gordo. Comunidade. Fenomenologia. Gordofobia.

ABSTRACT

This phenomenological comprehension brings the context, motivations, and consequences of an experience of union germinated in a Facebook group. In the urgency of support, exchange, and (self)acceptance, some fat women came together, not on an empathic level, neither in a structured community, but rather by community traits that are established in the midst and supported in the shared condition.

Keywords

Fat activism. Community. Phenomenology. Fatphobia.

ENTRE A CATEGORIA "OBESIDADE" E A GORDOFOBIA COMO PAUTA CENTRALIZADORA

Como citar este artigo
How to cite this article
Maldonado, S. R. Traços
comunitários que vencem a
distância: experiência de união
entre mulheres gordas.
Pós-Limiar, v. 5, e225747, 2022.
<https://doi.org/10.24220/2595-9557v5e2022a5747>

Recebido em 31/3/22,
versão final em 29/5/22 e
aprovado em 7/6/22.

Em um apartamento na cidade de São Paulo, quinto andar, olho pela janela escancarada e observo o céu acima de mim. É noite e as nuvens estão como se refletissem as luzes da cidade. O reflexo alaranjado banha o quarto, seus móveis, os enfeites, as bugigangas e toda sorte de coisas. Banha também meu corpo; meu lindo corpo gordo. Pergunto-me os porquês de rejeitarem os corpos como o meu e os motivos pelos quais, um dia, eu mesma me rejeitei. De onde vem o ódio e a repulsa? Estou, agora, com uma visão única sobre meu corpo. E por que não dizer "privilegiada"? Quem um dia o verá assim, nessas mesmas circunstâncias? Ninguém e nunca

mais eu mesma. Quantos não disseram que tudo na vida um dia volta, mas que, quando volta, volta diferente? Que o rio nunca passa duas vezes no mesmo lugar? Pois bem. Acima do meu pescoço, a minha cabeça. Nela, olhos esbugalhados que admiram a si. Há certa ousadia nisso. Onde que já se viu, nesses tempos, amar-se assim? Ainda mais uma mulher corpulenta, com estrias, espinhas e celulites. Pela vontade de muitos, mulheres gordas nunca se olhariam dessa forma, porém, a união permitiu a resignificação de seus corpos, o fortalecimento de suas causas e a ajuda mútua. Isso me afetou e, por isso, sinto forças para me admirar... calmamente. Apenas eu e o céu também a me amar (Stephanie Ares Maldonado, 2015).

A obesidade ganhou muita atenção nos últimos anos, com pesquisas de tipos e métodos variados, que jorram para fora da academia, influenciam o senso comum e se deixam afetar por ele. No campo da nutrição, a obesidade é, majoritariamente, dada como “[...] uma doença caracterizada pelo acúmulo excessivo de gordura corporal, que produz efeitos deletérios à saúde” (Wanderley; Ferreira, 2010, p. 185). Simultaneamente, é entendida como um problema de saúde pública (Martins, 2018) ou uma epidemia mundial (Lupton, 2013; Silva, 2017). Essas perspectivas se reproduzem também na televisão, nas propagandas de remédio, nas academias, nos bares e em toda sorte de lugares da vida cotidiana.

Em contrapartida, inclusive nos limites da área da saúde, há quem questione a patologização da obesidade, as métricas utilizadas nesse processo (Ahima; Lazar, 2013) e a consequente estigmatização do obeso. Embora minoria, alguns profissionais não concordam com a convenção científica da obesidade como uma doença em si — caracterizam-na como um estado físico e psicológico que pode vir a gerar ou agravar certas doenças (Varela, 2017), uma vez que nem todos os obesos possuem alguma doença associada (De Souza, 2018; Rangel, 2017).

Independentemente da relevância desse debate, o que nos interessa aqui é que, ao falar de obesidade, nos referimos a uma categoria médica por excelência, concebida a partir de pressupostos, padrões e parâmetros (IMC ou porcentagem de gordura corporal, por exemplo). Dessa forma, ela se constitui através de uma espécie de “pensamento ‘operatório’” — como declarava Merleau-Ponty (2013) ao se referir ao *modus operandi* da ciência moderna —, que se aplica sobre nossa biologia e trata o corpo como uma “máquina de informação”.

É possível reconhecer que esse raciocínio médico, objetivo e cristalizante, e a sua disseminação acabaram levando à redução da pessoa gorda a sua obesidade. A superação dessa subjugação depende de compreendermos que a condição da pessoa gorda está para além disso: sua condição é humana, física, biológica e psicológica, como também é experiencial, corporal, social, cultural e histórica. Todos esses elementos se sobrepõem e se intercalam, impossibilitando um trato rígido e sintético da problemática.

Nas ciências humanas e sociais, existem alguns esforços nesse sentido, embora nem sempre escapem à confusão obeso-gordo e ao vício da patologização. Parte da dificuldade enfrentada está na mudança relativamente recente na assimilação social do corpo gordo. De acordo com Fischler (2005, p. 69), os gordos não eram, há um século, tão abominados quanto hoje. São as “sociedades modernas” (e ocidentais) que “[...] não amam nem a gordura nem as pessoas muito gordas”. Isso não quer dizer que anteriormente não se discriminava o corpo gordo, mas que os tempos modernos presenciam uma “obsessão pela magreza” e uma “rejeição quase maníaca à obesidade” como jamais vistas.

A década de 1990, que hospedou uma enxurrada de materiais e mídias que alarmavam sobre os perigos da obesidade, foi um marco nesse percurso histórico. O pânico começou nos Estados Unidos, no Reino Unido e na Austrália e estava diretamente relacionado ao aumento de peso que vinha ocorrendo nessas populações. Logo ele se fortaleceria e ultrapassaria

outras fronteiras, acabando por desnudar também a discriminação contra os gordos, que já afetava, inclusive, crianças (Lupton, 2013, p. 16).

Em uma pesquisa realizada na década de 1960, que mostrava a meninos (de 6 a 10 anos) silhuetas de outras crianças, as silhuetas gordas eram “espontaneamente” e “uniformemente” julgadas como sendo de crianças trapaceiras, preguiçosas, sujas, más, feias ou bestas. Enquanto isso, as magras atraíam todas as considerações positivas, expondo que o enaltecimento dos corpos esguios em detrimento dos corpulentos, os quais ainda recebem os piores juízos, já constituía um valor que se transmitia tacitamente (Fischler, 2005, p. 70).

O ativismo gordo dos Estados Unidos, originado na mesma década de 1960, foi um dos primeiros a olhar para essa questão. Como contracorrente, ele vem denunciando os estigmas e condenações que se impõem sobre os corpos gordos e que, não raramente, pautam-se em discursos sobre uma preocupação (nem sempre genuína) com saúde². A sua influência, aos poucos, começou a alcançar a academia, que voltou-se aos problemas gerados por esta forma renovada de opressão: a “gordofobia” (Rodrigues, 2016). No Brasil, o termo apareceu há apenas um pouco mais de uma década (Rangel, 2017).

² Paradoxalmente, esses discursos, assim como os padrões de beleza, podem propiciar o desenvolvimento de transtornos alimentares e de imagem, depressão e condutas de risco (De Souza, 2018).

³ Apesar da tendência progressiva à interseccionalidade, até o movimento feminista — que tem um longo histórico de luta contra pressões estéticas, violências e imposições aos corpos — ainda tende a tratar a pauta antigordofobia como secundária (Rangel, 2017).

⁴ Em decorrência de como a pesquisa se deu, as descobertas se relacionam mais diretamente à vida das mulheres gordas, o que não significa que muitos dos elementos essenciais não se apliquem também a homens gordos.

A busca por um entendimento/reconhecimento mais amplo da problemática da gordofobia — até mesmo frente a outros movimentos sociais³ (Rangel, 2017) —, continua ocupando o ativismo gordo e pesquisadores que abordam a condição da pessoa gorda. Esse é um empreendimento que continua pertinente, mas há um outro aspecto que também merece atenção. Este diz respeito à vida gorda que, para além dos prejuízos da gordofobia, apresenta-se, por exemplo, nas resistências individuais e coletivas e nas novas formas de organização.

Este artigo traz elementos experienciais sobre a vida gorda⁴ sem se prender unicamente à questão da gordofobia ou, por outro lado, negligenciá-la. Para isso, realizou-se uma compreensão fenomenológica de uma situação específica, dada no engajamento da pesquisadora a um grupo virtual e secreto do Facebook, composto inteiramente por mulheres gordas, o que permitiu abarcar esferas vivenciais de pessoas com trajetórias plurais, mas correspondentes.

O processo de pesquisa se iniciou no decorrer da elaboração de um exercício etnográfico apresentado na disciplina “NC016 — Aplicações em Ciências Humanas e Sociais”, ofertada em 2015, para alunos de graduação, sob os cuidados dos professores Roberto Donato da Silva Jr. e Carolina Cantarino Rodrigues, da Faculdade de Ciências Aplicadas da Universidade Estadual de Campinas (FCA, Unicamp).

Com algumas perguntas norteadoras — como “Quem são as pessoas do grupo?”, “Que se coloca e se expõe lá?”, “Qual a dinâmica?” e “Que se debate e como as pessoas se posicionam?” —, o exercício contou com as seguintes etapas (considerando que, muitas vezes, elas se deram de forma mais dinâmica, sobrepondo-se umas às outras): (1) leitura da bibliografia principal, proposta na disciplina⁵; (2) leitura da bibliografia complementar; (3) leitura de todas as postagens realizadas no grupo desde sua criação; (4) *print* das postagens que se mostraram mais relevantes para estudo; (5) conversa com integrantes do grupo (que se candidataram voluntariamente, assim que comentei sobre a realização do trabalho); (6) escrita do relatório final.

É reconhecível a importância da disciplina como estímulo e lugar de aprendizagem, mas, desde então, o texto virou outro. Sua última versão, que se apresenta aqui, contou com a maturação daquelas primeiras reflexões e com o entendimento de que a relação experienciada poderia ser compreendida em outros termos (traços comunitários).

Esse último movimento se tornou possível com o aporte de novas leituras, principalmente do livro “A fenomenologia do ser humano”, de Angela

⁵ A título de exemplo, tem-se o texto “Ser afetado”, de Favret-Saada (2005), que me ajudou a pensar como o grupo e o tema me afetavam e como isso impactava na pesquisa.

Ales Bello (2000), mesmo que o combustível permaneça sendo aquele fornecido pela abertura e generosidade das membras do grupo: mulheres gordas que merecem o meu profundo agradecimento.

O OBSTÁCULO DA INDIVIDUALIZAÇÃO

Conforme a pesquisa se desenrolava, uma questão se mostrava substancial: como o grupo conseguiu proporcionar a criação de uma forma de união apesar do fenômeno da individualização?

A individualização vem sendo apontada por autores há mais de duas décadas. Nilsen (1998), no artigo "Jovens para sempre? Uma perspectiva da individualização centrada nos trajetos de vida", destaca alguns dos mais notáveis teóricos do termo, como Ulrich Beck, Elisabeth Beck-Gernsheim e Michel Mitterauer.

De acordo com Nilsen (1998, p. 61), Mitterauer concebe a individualização como "[...] um processo social", vinculado "[...] ao desenvolvimento histórico de um indivíduo independente e autônomo desligado dos laços tradicionais da família de origem". Na sustentação de seus argumentos, alguns fatores acabaram se sobressaindo como potencializadores do fenômeno, como a expansão da mobilidade geográfica e o uso intensivo das tecnologias de comunicação.

Essas tecnologias, que nos promovem a sensação de proximidade com pessoas geograficamente distantes, podem dificultar a formação de bases afetivas sólidas. Desacostumados com o diálogo cara a cara, com a convivência e com o toque, vivemos uma valorização do "eu" enquanto indivíduo independente e diferenciado, colaborando para a formação de relações superficiais, apáticas e de desconfiança. Mesmo quando reunidos presencialmente, podemos sentir certa distância afetiva, como se estivéssemos sozinhos, por conta própria (Nilsen, 1998).

Espera-se que o humano, enquanto ser social, sofra com esse modo de vida. Até o aumento da incidência da depressão na contemporaneidade tem se mostrado arraigado na vivência extrema da solidão. Moreira e Callou (2006), ao falar do depressivo, identificam a solidão como um agente etiológico e sintomático associado à estrutura social individualizada de nossos tempos.

Tendo em vista esse contexto, a chave para compreender como um grupo virtual conseguiu ultrapassar prejuízos interligados ao fenômeno da individualização (e, ainda, revelar muito da experiência de mundo de pessoas gordas) está na própria condição reciprocamente vivida, que favoreceu uma forma de união na qual, não sendo de ordem empática nem oriunda de uma vivência comunitária plena, constituiu-se como algo no entremeio.

DO INDIVIDUAL AO COMPARTILHADO

A abordagem humanista-fenomenológica "tem em sua essência a fluidez sujeito-objeto" que torna imprescindível a transparência do "[...] envolvimento do pesquisador no processo e no resultado da pesquisa" (Marandola Junior, 2008, p. 105). A intenção inerente é a de "[...] relativizar a razão, colocando nos mesmos termos a emoção, a imaginação, a percepção e outras 'ações' que tenham suas forças motrizes no esforço criativo e intuitivo". Dessa forma, potencializam-se elementos da realidade humana que seriam facilmente descartados pelas ciências mais racionalistas e utilitárias (Marandola Junior, 2010).

No caso em questão, havia (em 2015) certa expectativa em iniciar uma pesquisa sobre um grupo recém-criado, no qual era possível acompanhar o desenvolvimento das movimentações e pautas propostas. O fator açulador definitivo, porém, foi de ordem afetiva, dado na efetiva partilha de histórias e experiências entre as membras e a pesquisadora (identitariamente, gorda).

Atualmente, discutem-se os potenciais científicos de localizar o afeto na experiência humana, uma vez que ele nos fornece dados da realidade, mobilizando ou modificando a nós mesmos (Favret-Saada, 2005; Van Dooren; Kirskey; Münster, 2016). Entretanto aquilo que se obtém pelo afeto não deve ser pessoalizado ou hierarquizado, mas possibilitar um conhecimento que extrapole a escala das experiências individuais.

Em uma pesquisa fenomenológica, colocar-se abertamente — e, porque não dizer, afetivamente —, é imprescindível para a compreensão, o que acaba solicitando uma circunstância potente. No grupo, enquanto as membras se expunham e se acolhiam, aclaravam-se nuances entre as vivências particulares e os sentidos mais coletivos daquilo que, no horizonte, remete ao que é ser uma mulher gorda.

No aporte recíproco e no “verdadeiro intercâmbio” (Ales Bello, 2000, p. 193), criou-se um espaço propício à observação de fenômenos socializados, mesmo que aparentemente relativos (exclusivamente) à vida íntima. É o exemplo da pressão, exercida por parceiros magros (especialmente, homens), sobre a performance sexual de mulheres gordas. Longe de se tratar de casos isolados, manifestam o que se pode chamar de “fetichização da mulher gorda”. Esta se funda na expectativa de certa compensação ou, em outras palavras, de uma permuta: a própria relação sexual em troca de uma performance fetichiosa e de submissão; o desejo mais rasteiro⁶ em detrimento de laços afetivos mais profundos, de amor e comunhão. A imposição se estabelece no desprivilégio do corpo gordo e na sua suposta obrigação de sujeição aos gostos libidinosos dos parceiros magros, apresentando-se como se fosse a única possibilidade de relação.

⁶ Desejo que é correspondente direto do mercado pornográfico, depositário de variadas produções voltadas a criar e a satisfazer a tara no que se acredita ser uma superdotação das “gordinhas” ou “chubbies” (os eufemismos mais utilizados pela área para se referir às mulheres gordas).

Essas expectativas e imposições, aptas a receber múltiplas respostas (ressignificação ou recusa, por exemplo), englobam uma série de preconceitos e transições simbólicas que se estabelecem sobre o corpo gordo feminino. Nas palavras de Fischler (2005, p. 74): “Quais podem ser os termos da troca? O que o obeso pode restituir à coletividade?”. Nesse caso, pode a mulher gorda pagar com performances sexuais pela sua própria condição, assim como os homens gordos podem compensar sendo fortes, engraçados ou demasiadamente inteligentes?

As forças que agem sobre os corpos gordos fundam problemáticas específicas que obrigam apuração e enfrentamento. A vida gorda na adolescência é um exemplo delicado: os “traços morfológicos específicos” (como barriga, queixo duplo, textura e aspecto da pele e do tecido adiposo), de que falava Fischler (2005, p. 72), precisam ser menos sobressalentes do que na vida adulta para que um adolescente passe a ser julgado como gordo, o que anuncia a ele uma fase de intensa pressão estética, exposição e instabilidade.

Se, no grupo, era esperado que as adolescentes desabafassem sobre o *bullying* sofrido na escola (o que muitas das mulheres mais velhas também relataram ter suportado), as adultas, por outro lado, protestavam frequentemente sobre questões relacionadas a trabalho e afetividades. Contavam casos em que foram demitidas por ganhar peso e outras vezes em que, por conta da sua condição, sequer foram contratadas, mesmo tendo todas as aptidões necessárias para o cargo. Algo na mesma linha acontecia em relacionamentos “amorosos” cujos parceiros se vestiam com o manto da gordofobia para humilhar, maltratar e, por fim, abandonar.

Aquelas que diziam ter engordado repentinamente, por sua vez, demonstravam sentir mais fortemente os impactos em sua cotidianidade.

⁷ Gordas maiores, que acabavam sendo obrigadas a entrar pelo fundo do ônibus, porque as catracas não permitem a sua passagem, ou que abandonaram a faculdade por não caberem nas carteiras, demonstravam como certos espaços importantes de socialização não são construídos levando em consideração a existência desses corpos. O fato de parecer não se encaixar no mundo (nos lugares, no seu próprio círculo social ou nas roupas) é o que, muitas vezes, leva a pessoa gorda a evitar de sair de casa e frequentar certos locais, trazendo o aumento de inseguranças e ressentimentos.

De repente, o mundo ficava pequeno: catracas, carteiras escolares, corredores e cabines. Algumas roupas não cabiam mais, apertavam, desagradavam, e as novas eram demasiadamente caras. Humilhação e rejeição começaram a vir de lugares antes inimagináveis, como da família ou de amigos próximos, o que inevitavelmente gerava isolamento⁷.

Possibilidades, entretanto, podem ser criadas, seja no campo do autoconhecimento, como nos espaços de acolhimento e de relação com outras pessoas gordas, no empreendedorismo de/voltado a mulheres gordas ou no contato com novas representatividades (que, aos poucos, vão ajudando a mudar o imaginário social). Algumas das membras relataram que, antes de conhecer o grupo e o ativismo gordo, se sentiam incapazes, sem coragem de se olhar no espelho ou de se tocar. Esse cenário só mudou porque conheceram os meios para se sentir seguras, lidar melhor com os ataques de terceiros e transformar o ódio em resistência e amor.

Movimentos assim permitem apreender o grupo como um espaço de mudança, que se fazia seguro para conversas francas e profícuas sobre o corpo gordo. Para além das denúncias contra gordofobia, emaranhavam-se aquelas visões mais positivas sobre o corpo, que favoreciam a (auto) aceitação. Os mecanismos para isso eram maiores ali do que já foram outrora, no trabalho contínuo de aceitar-se aceitando a própria diversidade do grupo. A (auto)aceitação diz respeito a identidade e, concomitantemente, a olhar-se com orgulho, ocupar toda sorte de lugares e se sentir capaz para iniciar diferentes atividades ou relações, explorando caminhos para a realização daquilo que, socialmente, colocara-se quimérico.

RELAÇÃO DE CONDIÇÃO COMPARTILHADA E DISTÂNCIA RELATIVA

De acordo com Ales Bello (2000, p. 160), Edith Stein observou que, em alguns momentos do cotidiano, conseguimos compreender “os sentimentos” que alguém está “experimentando”, “isto é, se está sentindo alegria ou dor”, o que é a própria “vivência da empatia”.

Certamente, não estou sentindo a sua mesma alegria ou dor, mas tenho uma experiência vivencial, um *Erlebnis* tanto da alegria quanto da dor; estou ciente de não viver tais sentimentos em primeira pessoa, por isso, para mim não são ‘originários’, mas para mim é originário o fato de sentir que tal pessoa está vivendo-os (Stein *apud* Ales Bello, 2000, p. 160).

Na abertura e no acolhimento do outro, a empatia — ou ato de “[...] tomar conhecimento da experiência vivencial alheia” —, tem um papel fundamental (Stein *apud* Ales Bello, 2000, p. 160). Contudo Gerda Walther (1923 *apud* Ales Bello, 2000, p. 194) notou que, sendo o encontro de “duas fontes” em “uma única experiência”, a empatia conserva um caráter de novidade e mantém entre os envolvidos “uma certa distância”; diferentemente da vivência comunitária, que é “uma experiência” de fonte compartilhada, “vvida mutuamente em si próprio e no outro”.

A “comunhão” pode ocorrer em diferentes intensidades, de acordo com a “tomada de consciência” dos envolvidos à “união recíproca”. Em um dos níveis intermediários factíveis, podemos considerar a comunhão “[...] por causa da opressão de uma classe social por parte de uma outra”. Nesse tipo de comunhão, o “ser da comunidade” se ancora na “[...] ‘identidade social’ dos membros e realiza nele a própria essência” (Walther, 1923 *apud* Ales Bello, 2000, p. 194).

No horizonte da comunidade, instaura-se um sentido de “nós” que perpassa a corporeidade de cada um, ou seja, a sua “constituição física, corpórea e espiritual” (Walther, 1923 *apud* Ales Bello, 2000, p. 203). O grupo virtual estudado manifestava um “nós” que se constituía por mulheres que se reconheciam e eram reconhecidas como gordas, reduzidas e oprimidas em virtude do seu próprio existir.

Pelos depoimentos, conversas e intercâmbios diversos, expunham-se diferentes modos de viver a condição compartilhada, sem ameaçar o espírito de acolhimento do grupo. Cada uma se sustentava e reconhecia na outra, relativizando a distância (física), que pouco tinha a ver com a comunhão que se sentia.

Ainda que nem todas passassem, especificamente, pelas mesmas situações, eram arrebatadas pela possibilidade. Algo como: “sim, nós mulheres gordas passamos por isso!”. De outro modo, “como mulher gorda, vivo algo semelhante”. Ou “através da minha vivência de mulher gorda, sei o quanto essa situação é possível (e potencialmente dolorosa ou prazerosa)”.

Os sentimentos de proximidade e de pertencimento a um mesmo grupo de oprimidos, as experiências compartilhadas e, por conseguinte, cada aprendizado desbancam a máxima de que as tecnologias de comunicação são sempre um fator de individualização e um empecilho para toda forma de união. É certo, no entanto, que a falta de convivência direta e demorada prejudicava um desenvolvimento (psíquico, social e espiritual) mais profundo da união, em termos de alcançar uma comunidade plena.

Com períodos de baixo envolvimento e vazão de membras, o grupo passou a enfrentar algumas limitações⁸. De modo geral, uma comunidade depende, de acordo com Walther (1923 *apud* Ales Bello, 2000, p. 201), do amadurecimento dos “valores” e de “tomadas de posições” coletivas para a distribuição de “deveres” — o que não aconteceu no grupo estudado.

Sendo assim, restavam os traços comunitários dados por um espaço no qual o conhecimento da condição da pessoa gorda era mais tácito do que alhures, onde a inclinação à causa era íngreme e as pautas comuns, prontamente acolhidas; um lugar em que as dores não precisavam ser explicadas, e as superações e conquistas eram apreciadas. Por outro lado, quando se descobria algo relevante ou inovador para a vida gorda, isso era compartilhado com quem potencialmente utilizaria a informação de modo benéfico.

Mesmo com a possibilidade do seu tempo já ter acabado, o grupo foi um espaço importante de união e de transição para outros lugares de atuação, uma saída para mulheres gordas se (re)descobrirem e se ajudarem, marcando-se enquanto coeficiente de (auto)aceitação, de superação dos obstáculos cotidianos e de transformação das estruturas de opressão contra os corpos gordos.

UNIÕES RENOVADAS

A variedade da vida gorda se oculta na onda de abordagens categóricas sobre obesidade. Por outro lado, centrar-se apenas na gordofobia pode fazer com que questões primordiais se subtraíam a ela. Dessa forma, devemos nos comprometer também com aquilo que transborda: os focos de positividade, as novas representatividades, as alegrias da (auto)aceitação e, até mesmo, como as pessoas gordas enxergam umas às outras e se relacionam entre si.

Mesmo que a condição vivida não deixe de englobar os efeitos das pressões e imposições sociais sobre os corpos gordos, observa-se que a realidade não se delimita na esfera da opressão. Para além da gordofobia, reverberam-se modos de ser, de aprender e de se apresentar ao mundo.

Logo, é necessário olhar os espaços que ampliam os campos de possibilidades das pessoas gordas e propiciam o encontro e o apoio mútuo que, muitas vezes, são escassos no próprio ambiente familiar. Dependendo de como se constituem, os espaços virtuais, como grupos em redes sociais, podem propiciar articulação, mobilização e melhora na qualidade

⁸ É reconhecida por parte de outras mulheres gordas — mais especificamente, aquelas engajadas no ativismo gordo —, a importância das relações entre mulheres gordas na *internet*, assim como a facilidade e a agilidade que o virtual fornece para a disseminação de informações sobre a causa e suas pautas. Tratando-se de um movimento social que ainda está crescendo e que tem dificuldade para juntar seus integrantes, dependendo da região em que estão, a *internet* é, muitas vezes, o único meio encontrado por uma mulher gorda para se relacionar e se engajar com outra (Rangel, 2017). Ainda assim, não é possível mensurar exatamente o impacto que tem o baixo convívio presencial ou mesmo a dependência que o movimento tem da *internet* (um espaço que se renova rapidamente) para o surgimento de uma comunidade mais forte entre pessoas gordas.

de vida de pessoas gordas, permitindo valorização das suas diferenças e aprendizado sobre como lidar melhor com as adversidades. Nesse sentido, ligar a individualização, em essência, aos espaços virtuais e às tecnologias de comunicação é uma ideia que precisa ser relativizada. Principalmente quando a *internet* é a única via encontrada para o início de uma determinada vida coletiva ou, ainda, é a responsável pelo surgimento de traços comunitários, como aconteceu no grupo estudado.

Para pensarmos a união em tempos modernos, é necessário que continuemos questionando como esse tipo de relação se dá entre outros corpos sociais, principalmente aqueles que também se encontram em situação de opressão. Afinal, como eles estão se ajudando e se articulando e qual o real papel das tecnologias de comunicação nesse processo?

REFERÊNCIAS

Ales Bello, A. *A fenomenologia do ser humano*. Bauru: EDUSC, 2000.

Ahima, R. S.; Lazar, M. A. The health risk of obesity: better metrics imperative. *Science*, v. 341, n. 6148, p. 856-858, 2013. Disponível em: <https://www.science.org/doi/10.1126/science.1241244#:~:text=Obesity%2C%20defined%20by%20a%20high,diseases%2C%20leading%20to%20higher%20mortality>. Acesso em: 19 mar. 2022.

De Souza, B. D. *Um olhar sobre o obeso: desviantes do corpo padrão e suas relações com a sociedade e com a Nutrição*. 2018. 55 f. Monografia (Graduação em Nutrição) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/196671>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Favret-Saada, J. Ser afetado. *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161, 2005. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50263/54376>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Fischler, C. Obeso Benigno, Obeso Maligno. In: Sant'anna, D. B. (org.). *Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais*. São Paulo: Estação Liberdade, 2005. p. 69-80.

Lupton, D. *Fat*. New York: Routledge, 2013.

Marandola Junior, E. Humanismo e arte para uma geografia do conhecimento. *Geosul*, v. 25, n. 49, p. 7-26, 2010. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/view/2177-5230.2010v25n49p7/14027>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Marandola Junior, E. Mapeando "Londrinas": imaginário e experiência urbana. *Geografia*, v. 33, n. 1, p. 103-126, 2008. Disponível em: <https://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/article/view/1777/5205>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Merleau-Ponty, M. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Martins, A. P. B. É preciso tratar a obesidade como um problema de saúde pública. *Revista de Administração de Empresas*, v. 58, n. 3, p. 337-341, 2018.

Moreira, V.; Callou, V. Fenomenologia da solidão na depressão. *Saúde Mental e Subjetividade*, v. 4, n. 7, p. 67-83, 2006. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/mental/v4n7/v4n7a05.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Nilsen, A. Jovens para sempre? Uma perspectiva da individualização centrada nos trajectos de vida. *Sociologia: Problemas e Práticas*, n. 27, p. 59-78, 1998. Disponível em: <https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/780/1/6.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Rangel, N. F. A. A emergência do ativismo gordo no Brasil. In: *Mundos de Mulheres*, 13., Seminário Internacional Fazendo Gênero, 11., 2017, Florianópolis. *Anais eletrônicos* [...]. Florianópolis: [s.n.], 2017. p. 1-13. Disponível em: http://www.en.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499466334_ARQUIVO_AemergenciadoMovimentoGordonoBrasilNataliaRangel.pdf. Acesso em: 19 mar. 2022.

Rodrigues, A. Onde os gordos não têm vez. *Superinteressante*, 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/saude/onde-os-gordos-nao-tem-vez/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Silva, M. O. *Corpo, cultura e obesidade: desenvolvimento de posicionamentos dinâmicos de si em mulheres submetidas à gastroplastia*. 2017. 226 f. Tese (Doutorado em Processos de Desenvolvimento Humano e Saúde) – Universidade de Brasília, Brasília, 2017. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/24624>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Van Dooren, T.; Kirksey, E.; Münster, U. Estudos multiespécies: cultivando artes de atividade. *ClimaCom*, v. 3, n. 7, p. 39-66, 2016. Disponível em: <http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/wp-content/uploads/2014/12/07-Incertezas-nov-2016.pdf>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Varella, D. Obesidade, uma doença? *Drauzio*, 2017. Disponível em: <https://drauziovarella.uol.com.br/drauzio/artigos/obesidade-uma-doenca-artigo/>. Acesso em: 19 mar. 2022.

Wanderley, E. N.; Ferreira, V. A. Obesidade: uma perspectiva plural. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 15, p. 185-194, 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/cxTRrw3b5DJcFTcbp6YhCry/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 19 mar. 2022.